

Espectros Espectros

por Arto Lindsay

*Estou preto de amor
nem rapaz nem rouxinol
intacto como uma flor
anseio sem desejo*
P. Pasolini

Os discos eram chamados de bolachas. Também eram apelidados de *platters*, bandejas.

No caso das aquarelas do Iran, não foi o acompanhamento de um chá, mas sim a superfície tranquila de um lago que o levou a contemplar discos como objetos.

Daí foi tomado pelo poder dos discos de trazer memórias e de marcar momentos fortes pelos quais passamos. E assim escolheu os discos que pintou.

Os rótulos com os nomes do disco, do artista, dos compositores, seus códigos de direitos autorais e datas não são reproduzidos nas aquarelas.

A única coisa que identifica cada disco representado é a proporção das faixas. Até um DJ teria dificuldade em diferenciar um disco do outro.

Essas proporções lembram intervalos musicais. E colocar proporções em primeiro plano nos remete a outras tentativas de extrair alguma ordem geométrica do corpo humano.

Como os corpos, a aquarela tem desejos próprios e superfícies duvidosas. São tão fugidias como nós.

Discos são caixões abertos, cheios de pés batendo para marcar o tempo, e pulsos reproduzidos pelos instrumentos. Abstrações de gemidos. Tentativas de unir filosofia e graça.

Como sempre o que mais nos encanta são as relações entre estes elementos, os intervalos, o uso que pensamos fazer delas. Essa graça que teima em aparecer, apesar da repetição ou por causa dela.

Dizem que não temos memórias mas sim memórias de memórias. Os discos estão cheios de fantasmas, de vozes de cantores mortos, de dedilhados e sopros de músicos mortos. Os discos novos já anunciam as mortes de quem foi capturado ali.

Do preto se diz que ele é profundo, a cor do fundo do mar. E da sua superfície noturna.

O preto das aquarelas do Iran é atravessado por um reflexo de luz. Ele não sabia que um disco largado no sol vai envergar e deixar de tocar.

Discos são feitos de vinil, um subproduto do petróleo. Esse é o mesmo petróleo pelo qual matamos e que está nos matando.

Recentemente parece que os buracos negros são as metáforas mais acessíveis. Mas são as beiradas que realmente nos interessam, as chegadas e as consequências.

We stand around in the event horizon while our memories burn a hole in the sky.

A agulha chega no vinil e com ela gritos e sussurros.
Junto do canto do pássaro chega a distância.

Notas do autor:

Pasolini deixou um romance incompleto. Chamado de *Petrolio*, pensei que acharia lá minha epígrafe. Mas foi num poema, *Narciso Dançando*, que achei o que precisava.

Enquanto escrevia estava escutando repetidamente *Power Flower*, de Stevie Wonder, do disco *The Secret Life of Plants*.

Existe um movimento contra a música gravada, a favor de que ela desapareça depois de acontecer.